

O JOVEM IMPERADOR GRACIANO E A ESPERANÇA DE UM NOVO SÉCULO NA *LAUDAÇÃO AO AUGUSTO GRACIANO*, DE QUINTO AURÉLIO SÍMACO (369 D.C.)^{*}

Janira Feliciano Pohlmann^{**}

Resumo:

*Este artigo tem como objetivo contextualizar alguns dos louvores imputados pelo senador neoplatônico Quinto Aurélio Símaco Eusébio (340-402?) ao imperador Graciano (359-383). Perguntamo-nos de que maneira o governante foi descrito pelo orador e senador neoplatônico. Quais virtudes foram vinculadas a Graciano? E a que ações essas virtudes estavam relacionadas? Como a “esperança” (spes) ajudou a sustentar esse discurso em favor do poder imperial? Nosso estudo tem como documento principal a *Laudação ao augusto Graciano* (369?), pronunciada por Símaco em nome do senado de Roma. Sugerimos que as elaborações narrativas apresentadas pelo senador integravam as políticas de sustentação do poder de mando de Graciano, pois conferiam a este augusto as qualidades necessárias a um correto líder secular e destacavam as ações imperiais que beneficiavam sua gente.*

Palavras-chave: Graciano; Quinto Aurélio Símaco Eusébio; *Laudação*; imagem imperial; esperança.

THE YOUNG EMPEROR GRATIAN AND THE HOPE OF A NEW CENTURY IN THE *LAUDATIO IN GRATIANUM AUGUSTUM*, OF QUINTUS AURELIUS SYMMACHUS EUSEBIUS (369 A.D.)

Abstract: *This article aims to contextualize some of the praises imputed by the neoplatonic senator Quintus Aurelius Symmachus Eusebius (340-402?) to Gratian emperor (359-383). We ask ourselves how the ruler was described by the speaker and the neoplatonist senator. What virtues were linked to Gratian? And these virtues were related to what actions? How the “hope”*

* Recebido em: 04/10/2017 e aceito em: 08/11/2017.

** Pós-doutoranda em História pela Unesp/Franca-SP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo 2016/20942-9.

*(spes) did help sustain this discourse in favor of imperial power? Our study has as main document the **Laudatio in Gratianum Augustum** (369?), pronounced by Symmachus in the name of the senate of Rome. We suggest that the narrative elaborations presented by the senator integrated the policies of support of the power of command of Gratian, because these elaborations conferred to this august the necessary qualities to a correct secular leader. They emphasized the imperial actions that benefited his people.*

Keywords: Gratian; Quintus Aurelius Symmachus Eusebius; Laudation; imperial image; hope.

Por muitos anos uma historiografia tradicional considerou o século IV d.C. como um momento de fortalecimento de um cristianismo que descartou práticas de outras religiosidades entre líderes citadinos e apoiadores do poder imperial. Em sua tese **Declínio e queda do Império Romano** (1776-88), Edward Gibbon analisa o cristianismo como um elemento perturbador para o Império dos romanos e a causa de seu fim. Frederick Homes Dudden (1935, p. 267) afirma que a atuação de Ambrósio, bispo de Milão, frente à questão do Altar da Vitória, representou “a vitória decisiva” do cristianismo sobre o paganismo.

As atas dos inúmeros concílios realizados para formatar dogmas cristãos, como a do Concílio de Niceia de 325; as legislações que amparavam essa religiosidade, como o Edito de Tessalônica (**C. Th. XVI, 1, 2**) de 380; e algumas querelas ocorridas entre líderes cristãos ganharam a palavra escrita, como a acusação dos nicenos, do Concílio de Aquileia de 381, contra os arianos Palladio e Secundiniano. Observamos, portanto, que muitos documentos oficiais nos informam a respeito da validação de crenças cristãs a partir do século IV d.C. É fato que líderes cristãos ganharam visibilidade naquela sociedade tardo-antiga romana e tiveram lugar garantido no círculo de poder imperial. A pedido de Graciano, por exemplo, Ambrósio, bispo de Milão, escreveu dois tratados sobre a fé nicena, intitulados **Sobre a fé** e **Sobre o Espírito Santo**. Obras nas quais o bispo construiu a imagem de um “santo imperador” para Graciano.

Quando tratamos de Graciano, examinamos, sim, um imperador cristão niceno. Porém, não só os líderes vinculados ao niceísmo integravam a base de apoio desse governante: soldados arianos inflavam as fileiras de seus exércitos e o senador neoplatônico Quinto Aurélio Símaco Eusébio propagava imagens de um imperador vitorioso e preparado para defender as terras romano-ocidentais. Um augusto habilidoso com as letras e com as armas,

que não descansava quando o assunto era a proteção de sua gente: “Que descanso tens do trabalho? Ocupado com os troféus e com as letras, mesclou os negócios do ócio com os da guerra” (**Laudação ao augusto Graciano 7**).

Graciano vivia em um contexto de agitações dentro e fora dos limites dos territórios romanos: grupos religiosos brigavam por espaços sociopolíticos dentro do Império, tribos bárbaras desejavam expandir seus domínios sobre terras romanas e as usurpações do poder de império eram uma ameaça concreta. As usurpações ocorridas durante os governos de Constante I e Constâncio II, entre 350 e 355, e a então recente usurpação de Procópio contra Valente, em 365, assinalavam a fragilidade da figura imperial.

Aos 8 anos de idade, Graciano recebeu o título de Augusto de seu pai, o imperador Valentiniano I, e passou a acompanhá-lo em suas batalhas (**Laudação ao augusto Graciano 10**), assim como seu pai havia acompanhado seu avô (SÍMACO. **Primeira laudação ao augusto sênior Valentiniano 1**). Não estranhamos que Valentiniano I tenha instituído tal responsabilidade tão cedo a seu filho: diante da instabilidade da posição imperial, caso algo viesse a acontecer com o pai, a criança poderia garantir a continuidade da dinastia valentiniana nos territórios ocidentais.

Graciano era, portanto, um menino de 10 anos quando foi homenageado por Símaco na **Laudação ao augusto Graciano**, no ano de 369. Símaco exaltou publicamente a atitude de Valentiniano I de se associar a um augusto menino. E para justificar seu elogio, trouxe à memória dos romanos exemplos de jovens governantes como Antíoco III, que assumiu o trono da Síria aos 19 anos, Alexandre Magno, que aos 20 passou a governar a Macedônia, e de Ptolomeu VI, rei do Egito aos 16 anos com o apoio dos romanos. Modelos a serem seguidos; comparações que anunciavam uma propaganda necessária para quem alcançava o império – ou seja, o poder de mando militar –, especialmente quando criança. Conforme esses argumentos, a adiantada preparação, junto ao pai e ao seu exército, renderia uma formação positiva e prática para o novo augusto.

Para fornecer cores e reforçar a validade do poder de Graciano, o senador ainda traçou um paralelo entre o cerimonial da aclamação imperial e as pinturas de Zeuxis e Apeles, artistas gregos do final do século V a.C. e início do século IV a.C., respectivamente:

Se alguém organizasse para mim com as ceras de diversas cores de Zeuxis estes comícios admiráveis, se algum imitador de Apeles

desse vida com o verossímil sopro da arte àquela decisão celeste, a posteridade contemplaria apenas prodígios críveis. De um lado o Augusto, do outro as legiões e entre eles, no meio, o candidato ao reino; a contenda entre uns e outros indecisa por muito tempo e o pai cedendo tardiamente a todos, que aplaudem com vivas aclamações. (Laudação ao augusto Graciano 5)

Nesse trecho, Símaco sugeriu que líderes romanos apoiavam e desejavam a nomeação de Graciano a augusto, mas Valentiniano I demorou para oferecer a seu filho tamanha responsabilidade. Essa resistência, que não está presente na **História** de Amiano Marcelino, é semelhante à recusa inicial de Valentiniano de assumir o poder de império, anunciada por Símaco em sua **Primeira laudação ao augusto sênior Valentiniano** (10). Mais do que uma prática, essa relutância parecia atender a um modelo literário utilizado para realçar a humildade dos imperadores. Herdeiro dessa literatura, para Símaco, eram eleitos os mais aptos, não aqueles que desejavam o poder (**Laudação ao augusto Graciano 5**). A humildade adicionava pontos extras ao rol de virtudes valentinianas. Virtudes estas que poderiam ser ensinadas pelo pai ao filho. Portanto, no campo de batalha, Graciano aprenderia com o pai a ser guerreiro e humilde. Características idealizadas – e desejadas – por Símaco para um líder romano.

Na pintura elaborada pelas palavras do senador, Valentiniano I e os soldados aclamaram o aspirante ao poder de império. O manto púrpuro que identificava o imperador também estava lá, no parágrafo terceiro dessa mesma obra. A investidura paterna, a disposição dos soldados em apoiar o império de Graciano e os símbolos da dignidade imperial foram igualmente ressaltados por Amiano Marcelino (**Historia XXVII 6, 5 e 11**). Através de elaborações literárias distintas e em tempos ligeiramente afastados, a legitimidade de Graciano era realçada.

Em seus estudos sobre as cerimônias triunfais, Michael McCormick (1990, p. 5) afirma que o imperador vitorioso tinha seus feitos lembrados em moedas, monumentos, disposições legais, panegíricos, serviços de domingo e em jogos. Embora neste artigo tratemos de uma cerimônia de aclamação, e não de cerimônias triunfais, consideramos que, assim como estas, os cerimoniais de aclamação eram organizados para ostentar a validade daquele que recebia o poder de mando militar. Pessoas eram mobilizadas, tempo e dinheiro eram investidos para exaltar e certificar a lega-

lidade daquele que ascendia ao poder. Aquela cerimônia deveria ser vista e comentada inúmeras vezes, a fim de que passasse a integrar a memória coletiva de uma sociedade, não só da comunidade que havia presenciado o feito. Palavras, gestos e imagens se converteriam em memória e em identidade. Os súditos precisavam conhecer, mesmo que não fisicamente, seu imperador e com ele identificar-se, acreditar que por ele seriam protegidos.

Cerca de dois anos após a aclamação de Graciano, Símaco reelaborava em palavras uma cerimônia acontecida no ambiente militar. Ao rememorá-la, o orador oferecia cores atuais ao cerimonial e revalidava os laços estabelecidos naquela ocasião. Aos 10 anos de idade, Graciano tinha sua legitimação reforçada pela laudação (escrita e proclamada). Na obra de Símaco, por um lado, a figura imperial do menino augusto era valorada. Por outro, o orador que compunha e anunciava aquela ideia ganhava notoriedade dentro do círculo de poder imperial, pois alimentava com imagens concretas a teoria política que angariava notoriedade para o governante. A responsabilidade de Graciano de ser um representante dos romanos era exaltada e, conforme as práticas políticas, ele estava apto a agir em nome dos romanos.¹

Desde 365, os exércitos romanos enfrentavam as tribos alamanas da região do rio Reno. A fim de proteger suas terras, Valentiniano I construiu fortificações e aumentou o efetivo militar nas fronteiras. Sob seu comando, em 368, o general Teodósio, pai do futuro imperador Teodósio I, foi enviado à Bretanha para combater os pictos e os saxões (AMIANO MARCELINO. *Historia* XXVII, VIII, 1-8).

As constantes batalhas agitavam o dia a dia dos imperadores e dos seus súditos. Nesse cenário, contar com o apoio de líderes do exército era essencial para Graciano. Desconhecemos os nomes e cargos de quem esteve presente durante a proclamação dessa laudação de Símaco. Entretanto, Otto Seeck defende que esse documento foi lido juntamente com a **Primeira laudação ao augusto sênior Valentiniano**, também de autoria de Símaco. Essas leituras públicas ocorreram em Tréveris, no ano de 369, por ocasião do aniversário do primeiro lustro no poder de Valentiniano I (SEECK. *Q. Aurelii Symmachi...* XLVI-XLVII; CCX). Uma ocasião notável, portanto, que requeria uma audiência composta de líderes públicos, entre eles, comandantes militares. Exaltar a aliança entre o exército e Graciano validava a liderança militar do recém-augusto e, ao mesmo tempo, estimulava tal vinculação. Nesse cenário, observamos que possuir e demonstrar possuir alianças significativas favorecia a manutenção do poder de império.

Ainda em 369, Símaco recebeu o título de conde de terceira classe (*comes ordinis tertii*). No papel de conde, permaneceu ao lado de Valentiniano e de Graciano em Tréveris, até o ano seguinte, quando os imperadores conquistaram importantes vitórias contra os alamanos. Como representante do senado de Roma, fazia parte das responsabilidades de Símaco reforçar os laços senatoriais com o poder imperial. Todavia, mais do que isso, em sua laudação, o orador se destacava como um agente em potencial para a propagação da supremacia do poder desse jovem governante. Notamos, então, uma figura pública interessante para se ter ao lado.

Apesar da pouca idade, Símaco percebeu em Graciano uma esperança (*spe*) para a salvaguarda do império: “Salve, esperança esperada de um novo século, e cresce no interior de uma república nutrida, alegria dos contemporâneos, segurança dos posteriores” (**Laudação ao augusto Graciano 2**). E ainda, conforme o autor: “O exército não se engana em sua confiança. [Graciano] Foi eleito pela esperança, aprovado pela realidade” (**Laudação ao augusto Graciano 4**).

Em parágrafos muito próximos, Símaco depositava sua esperança sobre o jovem imperador na expectativa – e também na exigência – de que Graciano livrasse as terras romano-ocidentais da ameaça constante da tirania: “Vencerás os tiranos (*tyrannos*) com teus serviços” (**Laudação ao augusto Graciano 7**), registrou Símaco. Infelizmente, foram perdidas as cinco páginas que antecedem esse último trecho; portanto, mesmo que o autor tenha nominado tais tiranos, não sabemos a quem o senador se referia.

Observamos, entretanto, a oposição entre a legitimidade de Graciano, “eleito para o mando imperial” (“*His ad imperium lectus*” – **Laudação ao augusto Graciano 3**), e a tirania, marca carregada pelos usurpadores nos discursos declamados a plenos pulmões e guardados pela palavra escrita na literatura romana. Maria Victoria Escribano Paño (1990, p. 250) faz esclarecimentos essenciais sobre os termos “usurpador” e “tirano”. O primeiro, deriva do verbo *usurpare*, que tem o sentido amplo de “usar”, “empregar”, “praticar”. E, em sentido pejorativo, “apoderar-se de algo sem direito”. Por esse motivo, aquele que usa o poder ilegitimamente pode ser chamado de usurpador. Entretanto, em matéria de direito privado, o termo mais utilizado é “tirano” (*tyrannus*), juntamente com *latro*, *grassator*, *praedo*, *pirata*, *defector*, *rebellis*, *perduellis*, *hostis*. Dentre esses, apenas os dois últimos são encontrados na legislação romana.

Nesse contexto de usurpações, o antagonismo criado pela elaboração de Símaco – “vencerás os tiranos (*tyrannos*) com teus serviços” – otimizava o papel de Graciano e o transformava no *optimus princeps* idealizado desde o panegírico de Plínio, o jovem. Notamos que a oposição construída pelo senador tardo-antigo atendia a uma longa tradição que remonta ao século V a.C., quando Heródoto e também a tragédia ática elaboraram as antíteses entre democracia e tirania (ESCRIBANO PAÑO, 1990, p. 248-249).

De acordo com essa tradição, enquanto o representante legítimo era louvado com virtudes por prezar pelo governo das leis e da liberdade, o tirano era revestido de vícios e regido por suas paixões. Esse príncipe de Símaco era, então, a “esperança esperada de um novo século” e a promessa do fim das desordens causadas pela tirania dos usurpadores.

Uma vez que fora “eleito para o mando imperial”, a justiça também adornou Graciano na laudação de Símaco (**Laudação ao augusto Graciano** 9). Segundo Manuel J. Rodríguez Gervás (1991, p.78), “a justiça é a virtude por excelência do bom governante”. Um imperador deveria, portanto, ser justo para conservar a liberdade dos romanos – amparada pelas leis – e manter a tirania afastada dos territórios romanos.

Seguindo a poética das **Bucólicas** de Virgílio, o senador afirmou que, com Graciano, “a justiça voltou para o céu e a natureza já está grávida da garantia de frutos fecundos”. Nesse parágrafo, o autor tratou das conquistas que estavam ocorrendo na região do Reno. Aqui, a esperança foi mais uma vez utilizada para valorar o papel de Graciano. Registrou Símaco: “Teu caráter já proporcionou muitas coisas e a esperança ainda promete mais. [...] E não vou me servir de sinais poéticos: eis que o Reno já não desdenha do poder de império, senão divide as fortalezas romanas” (**Laudação ao augusto Graciano** 9). No momento presente da proclamação da **Laudação ao augusto Graciano**, essa estrofe congregou exaltações a ações passadas e promessas de mais obras positivas no futuro. Passado, presente e futuro foram articulados por Símaco com o objetivo de sustentar a validade daquele jovem imperador e apresentá-lo a seus súditos como um governante essencial para a manutenção da ordem romana. Uma ordem, sim, elaborada, idealizada e perseguida por determinados grupos vinculados ao poder naquela sociedade.

Com essa linha discursiva, que vinculava poder imperial, leis, liberdade e justiça, Símaco sustentou que os povos bárbaros tinham apurado seu

“senso de liberdade” (“*sensum libertatis*”) e procuravam a paz sob Graciano com “medo da servidão” (“*metu servitutis*”) (**Laudação ao agosto Graciano** 12). Uma idealização retórica? Talvez um exagero, sim. Porém, recorremos que o exército de Graciano contava com grande força bárbara, aliança normalmente mantida por pactos (*foedus*) em que os romanos consideravam determinados grupos estrangeiros como federados do Império. Uma relação proveitosa para ambos os lados: os romanos permitiam que os estrangeiros se estabelecessem em suas terras em troca da adesão dos homens das tribos aos exércitos romanos (FRIGHETTO, 2012, p. 126). A idealização de Símaco, entretanto, inseriu nos grupos bárbaros sentimentos que eram próprios da organização discursiva e sociopolítica romana: “senso de liberdade” e “medo da servidão”. Dessa forma, o orador encobriu os acordos político-militares com a supremacia de Graciano perante seus inimigos. E, assim, aquele que havia sido “eleito pela esperança” era “aprovado pela realidade”.

A partir de argumentações de Roger Chartier (1991, p. 184) em seu artigo “O mundo como representação”, consideramos algumas estratégias simbólicas elaboradas por Símaco para determinar posições e relações sociopolíticas. O orador foi o autor e proclamador da **Laudação ao agosto Graciano**. Foi o responsável pela apresentação pública do jovem imperador como um símbolo de esperança dos novos tempos e de vitória sobre os tiranos. Notamos, portanto, que Símaco se colocou ao lado desse governante como defensor de sua legitimidade e de sua utilidade pública. De fato, o senador compartilhou o espaço de batalhas contra os alamanos com Valentiniano I e Graciano. Apoiou esse imperador na vida prática e na sustentação de seu poder frente aos seus súditos e aos seus inimigos. Palavras, ações e mais palavras que faziam de Graciano um legítimo agosto e de Símaco um homem público importante para a manutenção desse ideal.

Um ideal constituído pela prática. Feito em e para um mundo romano carente de estabilidade. Uma imagem virtuosa delineada a partir de abstrações próprias daquela sociedade tardo-antiga e encarnada na figura de Graciano. Esse jovem imperador era o símbolo visível da garantia de longevidade para o poder de império dos romanos. Um símbolo, por sua vez, compreendido e aceito pelo público presente no pronunciamento da laudação. Emissor, mensagem e audiência se encontravam na proclamação da **Laudação ao agosto Graciano**. Uma ocasião para louvar o poder de mando militar de Graciano, fortalecer laços sociopolíticos e preservar lugares de fala e de ação.

Entendemos que as representações do mundo são construídas por discursos vinculados a práticas sociopolíticas, religiosas, culturais e econômicas. Portanto, as percepções do social nunca são neutras e “tendem a impor uma autoridade à custa de outros, [...] a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Símaco – e o grupo ao qual estava integrado – percebia um mundo desordenado e em perigo devido às ameaças dos usurpadores e dos povos estrangeiros. Por isso, depositava sua esperança em Graciano para reorganizar a estabilidade dos territórios romano-ocidentais e assegurar a continuidade das posições sociopolíticas de seu grupo. Lembremos, Símaco estava em Tréveris no papel de líder dos senadores de Roma. Era este o seu lugar de fala. Seus discursos foram escritos a partir desse contexto. Roma já não era a sede imperial, mas tratamos de uma gente propícia à mobilidade. Interesses comerciais, religiosos, culturais, políticos e as batalhas movimentavam as pessoas.

Símaco chegou à corte imperial valentiniana para reforçar a validade do senado de Roma e especialmente a sua, ajudando a preservar a proeminência de sua família perante aquela sociedade. Notamos, por exemplo, que seu filho, Quinto Fabio Memio Símaco, foi questor em 393 e pretor em 401. E seu genro, Nicômaco Flaviano, o menor, foi governador da Campania antes de 382 e depois disso assumiu várias magistraturas, como a de prefeito do Pretório de Itália, Ilíria e África, em 431-432 (PLRE, p. 345-347). Não insinuamos que a anúncio da **Laudação ao augusto Graciano**, em 369, por Símaco, tenha sido o único motivo para esses homens alcançarem tais responsabilidades públicas. Mas esse episódio certamente complementou uma série de práticas que mantiveram a posição social da família Símaco e, também, a visibilidade do senado de Roma, uma instituição tradicional, nascida na monarquia romana e continuamente reelaborada durante a República e o Império.

Portanto, quando a **Laudação ao augusto Graciano** enfatizou a legitimidade do poder de um jovem imperador e depositou sobre ele a esperança de tempos melhores, também realçou a importância de Quinto Aurélio Símaco e do grupo ao qual estava vinculado. Laços foram fortalecidos, lugares sociopolíticos foram preservados e teorias políticas de controle e ordenação social ganharam novo fôlego em um cenário instável.

Considerações finais

As elaborações narrativas apresentadas por Símaco conferiam a Graciano qualidades necessárias a um correto líder secular, “correto” sob o ponto de vista desse senador, evidentemente. Um imperador comparado a grandes governantes do passado e capaz de vencer os tiranos. Criado para fazer crescer entre os romanos a esperança de tempos melhores, em que a tirania seria vencida pelos seus serviços. Graciano era um imperador menino que desde cedo acompanhava o pai em batalhas e fora aclamado pelo exército como Augusto. Tinha os requisitos imprescindíveis para ser um governante e defender os romanos. Percebendo um mundo cercado de ameaças – ameaças concretas, Procópio em 365, alamanos logo ali, na região do Reno –, Símaco destacou os benefícios que a administração de Graciano traria aos territórios romanos. Lembremos que tratamos de uma laudação, cujo objetivo é exaltar os feitos imperiais. Através desses louvores, frente a uma seleta audiência, o senador discursou sobre os laços que uniam aquele imperador às forças militares e transformou o jovem em um símbolo de preservação do poder de império e de proteção dos romanos.

Graciano era, afinal, um governante legítimo, escolhido por seu pai para compartilhar o poder de mando militar e era apoiado por um forte exército. E Símaco salientou tudo isso não só em palavras escritas, mas também através de sua voz e de seus gestos, marcando sua presença física no cenário político imperial. Situação que o apresentou como criador e propagador de referências sociopolíticas para a sustentação daquele poder de império. Enquanto a legitimidade de Graciano era realçada, e ele era cantado como “esperança esperada de um novo século”, o orador construía laços que o vinculavam ao centro de poder e garantiam seu papel dentro de seus grupos de pertença.

Documentação escrita

AMIANO MARCELINO. **Historia**. Edición de Maria Luisa Harto Trujillo. Madrid: Ediciones Akal, 2002. (Tradução para o castelhano da obra *Res Gestae*.)

_____. **Res gestae**. Texto latino disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/ammanius.html>> Acesso em: 16/08/2017.

GRACIANO AUGUSTO. Letter of Gratian to Ambrose (*Epistula Gratiani Augusti De incarnationis Dominicae sacramento*). In: _____. **Political Let-**

ters and Speeches. Translated with an introduction and notes by J. H. W. G. Liebeschuetz with the assistance of Carole Hill. 2. ed. Series Translated Texts for Historians. Liverpool: Liverpool University Press, 2010; **Ambrose:** Selected Works and Letters. Translated by Philip Schaff. Grand Rapids, MI - USA: Christian Classics Ethereal Library, 2004, p. 271.

_____. Epistula Gratiani Augusti De incarnationis Dominicæ sacramento. *In: Corpus scriptorum ecclesiasticorum Latinorum 79.*

QUINTO AURÉLIO SÍMACO EUSÉBIO. **Informes** - Discursos. Introducciones, traducción y notas, Jose Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2003.

_____. Relationes: Q. Aurelii Symmachi V.C. praefecti urbis relationes. *In: SEECK, Otto. Q. Aurelii Symmachi quae supersunt.* Berolini: APVP Weidmannos, 1883.

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista das revistas. Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

_____. **A história cultural:** entre práticas e representações. (Coleção Memória e Sociedade). Trad. Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

DUDDEN, Frederick Homes. **The life and Times of St. Ambrose.** Oxford: The Clarendon Press, 1935. vol. I.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Usurpación y religión en el s. IV d. de C.: paganismo, cristianismo y legitimación política. **Cristianismo y aculturación em tempos del Imperio Romano. Antig. Crist.**, Murcia, v. VII, p. 247-272, 1990.

FALCON, Francisco J. Calazans. História e representação. **Revista de História das Ideias**, v. 21, p. 87-126, 2000.

FRIGHETTO, Renan. **A antiguidade tardia:** Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII). Curitiba: Juruá, 2012.

GIBBON, Edward. **The History of Decline and Fall of the Roman Empire.** With an introduction by The RT. HON. W. E. H. Lecky. New York: Fred de Fau & Company, 1906.

JONES, Arnold Hugh Martin; MARTINDALE, John Robert; MORRIS, John. **The prosopography of the later Roman Empire**, v. I: ad 260-395 (PLRE I). Cambridge - Reino Unido: Cambridge University Press, 1971.

SEECK, Otto. **Q. Aurelii Symmachi quae supersunt**. Berolini: APVP Weidmannos, 1883.

MCCORMICK, Michael. **Eternal victory: triumphal rulership in Late Antiquity, Byzantium and the early Medieval West**. Cambridge, New York, Port Chester, Melbourne, Sydney: Editions de la maison des sciences de l'homme and Cambridge University Press, 1990.

RODRIGUÉZ GERVÁS, Manuel J. **Propaganda política y opinión pública: en los panegíricos latinos del Bajo Imperio**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1991.

Nota

¹ Fazemos uso de um dos entendimentos do conceito de “representação” apresentados por Francisco J. Calazans Falcon: “a ‘representação’ definida como ‘estar presente em lugar de outra pessoa’, substituindo-a, podendo ou não ‘agir em seu nome’” (FALCON, 2000, p. 92).